

Affonso Romano de Sant'Anna, poeta do tempo(*)

José Murilo de Carvalho¹

Negra
noite
oculta
a fala

Negro
corpo
oculta
a bala

Negro
forro
é negro
morto.

Foram esses os primeiros versos que li e ouvi de Affonso Romano de Sant'Anna. Era algum dia do segundo semestre de 1963, eu, aluno do segundo ano do curso de Sociologia e Política da UFMG, em Belo Horizonte, ele formado há um ano pela Faculdade de Letras da mesma universidade. Fora à Reitoria para ver uma exposição de fotos e poemas. Um jovem de 26 anos, dois mais do eu, soube depois, empertigado, vestido com apuro, lia e comentava poemas seus expostos em painéis. O jovem era Affonso Romano de Sant'Anna, os poemas referiam-se ao militante negro Medgar Wiley Evers, que fora assassinado com um tiro nas costas em junho daquele ano em Jackson, Mississippi. Impressionaram-me desde então o estilo do poeta (ou, no jargão dos críticos literários, sua dicção), a economia das palavras, a riqueza das imagens. Não menos impactante foi a paixão que mal se continha na forma às vezes quase telegráfica dos versos.

Despertado o interesse pelo poeta, li logo depois dois poemas seus incluídos em número extra dos *Cadernos do povo brasileiro*, organizado pelo Centro Popular de Cultura da UNE e publicado em 1962 pela Civilização Brasileira. O primeiro, “Morte na Lagoa Amarela”, também falava de morte, agora do assassino, um posseiro do Vale do Rio Doce em rixa com um fazendeiro que o queria expulsar da terra. O segundo, “Outubro”, referência à

¹ Historiador, membro da Academia Brasileira de Letras. Introdução à edição comemorativa dos 30 anos da primeira edição de QUE PAIS É ESTE?

revolução soviética, era um grito de guerra. Em ambos, o mesmo estilo, a mesma paixão, a mesma emoção presentes na homenagem a Medgar Evers.

Outubro
ou nada

ou tudo
ou sangue

outubro
ou tumba

outubro
ou pão

outubro
ou túnel

de emoção.

[...]
Quando outubro
caso saibas
ou não saibas, general,
o homem

que não vês

já tem na mão
a arma

que ele fez.

Eram tempos de luta e entusiasmo. Uma geração inteira de estudantes universitários, mobilizados pela UNE, metia-se na política, organizava-se em grupos e partidos. Alguns no velho PCB, os católicos na JUC e na Ação Popular, outros ainda, escassos, mas radicais, na Política Operária (POLOP). Do lado de lá, a direita laica e truculenta, os Congregados Marianos e a turma do Tradição, Família e Propriedade, dos bispos de Campos, Antônio de Castro Mayer, e de Diamantina, Geraldo Sigaud, a quem, os alunos não os bispos, chamávamos de donzéis. Muitos se congregavam nos cineclubes de Belo Horizonte, onde liam os Cahiers du Cinéma e discutiam cinema, política e revolução. Adorávamos a revolução cubana, admirávamos Francisco Julião, desconfiávamos de João Goulart, detestávamos Carlos Lacerda e o imperialismo ianque. Estávamos seguros de que éramos os agentes privilegiados da história na construção de um Brasil socialista, que seria implantado pelos camponeses de Julião, pelos operários do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), pelos estudantes da UNE, pelos generais do povo, sargentos do Exército e marinheiros do almirante Aragão.

Ou como disse o próprio Affonso Romano em *Que país é esse?*

Olhávamos ávidos o calendário. Éramos jovens
 Tínhamos a 'história' ao nosso lado. Muitos
 maduravam o rubro outubro
 outros iam ardendo um torpe agosto.

O golpe de 1964 caiu como um raio sobre nossas cabeças, nosso entusiasmo e nossa ingenuidade. Entre os inúmeros boatos de golpe que circulavam em 1964, ninguém previu, ninguém avisou, ninguém anunciou o tipo de movimento que afinal nos surpreendeu. Vejo-me ainda hoje a caminhar perdido pelas ruas de Belo Horizonte, perplexo, sem entender o que se passara, buscando notícias de amigos presos, presos às vezes por colegas armados a serviço da polícia. Todos nos perguntávamos: mas e o dispositivo militar de Jango? E os militarizados Grupos dos Onze de Brizola? E a Frente Parlamentar Nacionalista? E o barulhento movimento sindical? E o alto falante UNE? Os sargentos e marinheiros? Onde a nossa amada revolução? Castelos de areia, palavras ao vento? Os golpistas, acolitados pelo maciço apoio da classe média e dos empresários, não encontraram resistência. Tudo desmoronou, e nós juntos. É difícil superdimensionar o impacto que esses acontecimentos tiveram sobre nossa geração. Affonso Romano em sua poesia se encarregou de não deixar dúvidas a esse respeito.

Por coincidência, um ano após o golpe, Affonso e eu fomos para a Califórnia, ele para ensinar em Los Angeles, eu para estudar em Stanford. Sem sabermos um do outro, vivemos lá os anos de ouro do movimento hippie, da flower generation, acompanhando as marchas contra a guerra do Vietnã, testemunhando o nascimento dos Black Panthers, lendo Marcuse, ouvindo Bob Dillan cantar *The times they are a-changin'* e *Blowing in the Wind*. Derrotados em nossos sonhos políticos domésticos, assistíamos a uma revolução cultural que mudou a cara dos Estados Unidos. Era uma triste ironia e um pobre consolo.

De volta, ambos, ao Brasil no início dos anos 1979, o regime implantado em 1964 já tinha enveredado por caminhos que superavam em muito nossos receios. A Castelo sucedera Costa e Silva, a este sucedera Médici. Alguns dos ex-colegas e amigos, do PCB, JUC, AP, POLOP, tinham formado novas organizações e se engajado na luta armada. Sucediavam-se notícias de prisões, torturas, mortes. Perdi contato com Affonso Romano, que se mudara para o Rio de Janeiro onde ensinava na PUC. Em 1978, li sua magnífica anti-epopéia, um inventário de derrotas, que foi a *Grande fala do índio guarani perdido na história e outras derrotas*. Aos versos curtos, cortantes dos poemas anteriores, acresciam-se agora, exigidos pelo tema, versos longos que às vezes se aproximavam de uma prosa poética. Depois de anos dedicado aos trabalhos universitários, Affonso Romano decidira voltar à carga:

Já há 15 anos calado

sem discorrer
 sem transgredir
 sem perorar
 Assim não há poeta que agüente
 não há poesia possível. Agora
 -- ser sutil ou crente
 -- é igual a ser silente.
 Também estou convencido
 de que quem cala consente.

Mas foi em 1980, ainda em plena ditadura, que publicou o mais candente e contundente inventário poético de nossa geração, carregando embora nos tons escuros. Inspirando-se na pergunta retórica de um político da ditadura, Affonso Romano publicou pela *Civilização Brasileira- Que país é este?* Publicado antes em página inteira do *Jornal do Brasil*, o poema foi um êxito instantâneo. Em tempo sem blogs e twitters, ele foi transformado em pôster e pregado nas paredes Brasil afora. Sobre que país falava já deixou claro desde início:

Há 500 anos caçamos índios e operários,
 há 500 anos queimamos árvores e hereges,
 há 500 anos estupramos livros e mulheres,
 há 500 anos sugamos negras e aluguéis.

Sobre sua geração, que também é a minha, diagnosticou:

Minha geração se fez de terços e rosários:
 -- um terço se exilou
 -- um terço se fuzilou
 -- um terço desesperou.
 [...]
 Os mais afoitos e desesperados
 em vez de regressarem como eu
 sobre os covardes passos,
 e em vez de abrirem suas tendas para fome dos desertos,
 seguiram no horizonte uma miragem
 e logo da luta
 passaram
 ao luto.

Mas mesmo tendo regressado sobre os covardes passos, como também fiz, o poeta não se acomodou:

Há quem se ajuste
 engolindo seu fel com mel
 Eu escrevo o desajuste
 vomitando no papel.

Em outro poema, “Posteridade”, há uma clara consciência da temporalidade das coisas, essencial também na visão do historiador:

Assim entraremos para a história deles [dos pósteros]
 como outros para a nossa entraram:
 não como o que somos
 mas como reflexo de uma reflexão.

Mas é, sobretudo, em *A grande fala do índio guarani* que se multiplicam perguntas e reflexões sobre a poesia e o tempo. Cito apenas duas. A primeira:

Como me inscrever no tempo que me escreve
 se me vigiam a escrita e me impingem silêncios e papéis
 que não represento
 E disfarço sobre a opaca face?

“Me inscrever no tempo que me escreve”. O verso é perfeito em sua brevidade. O mesmo problema é enfrentado constantemente pelo historiador: como escrever o tempo que o escreve, como representar aquilo de que é parte e produto. Se ele é parte e produto do que escreve, não seria ele um simples memorialista, amarrado aos condicionamentos, impostos ou não, de seu tempo, de sua sociedade, de sua cultura? História seria apenas isso?

A segunda:

-- Ou o poema, como o tempo, é o tecido
 que cerzido
 -- passa a ser nosso vestido?

A história é precisamente isso: representação do tempo que, escrita, passa a ser a narrativa que nos guia e orienta, que guia e orienta pessoas, gerações, nações. E como narrativa do tempo que escreve o historiador, pode ser, e é, sempre refeita e reescrita. Antes que ser mestra da vida, como queria Cícero, ela será a senhora do tempo que, no entanto, a produz. Como a separar, então, da ficção ou da própria poesia?

Como faz Affonso Romano, deixo no ar as perguntas. Mas por que ficava eu humilhado quando ele, num poema, dizia mais do eu em sete minutos de fala? Talvez porque, como o ouvi definir em uma conferência, a poesia diz o indizível. Diante da complexidade de certos fenômenos humanos, o historiador, com seus instrumentos cognitivos, documentos, evidências, causalidades e retórica que se pretende científica, se vê muitas vezes incapaz de produzir uma narrativa inteligível ou mesmo plausível da realidade. O poeta, ao contrário, livre desses constrangimentos, recorrendo a sua sensibilidade criativa e à retórica dos tropos linguísticos, pode, muitas vezes, nesses casos, aproximar-se melhor do sentido das coisas.

Dou apenas um exemplo. Nossa geração bem se lembra do atentado do Rio-Centro, levado a cabo em 30 de abril de 1981. Celebrava-se a festa do Dia do Trabalhador. Um capitão e um sargento do Exército tentavam colocar uma bomba no local. O artefato explodiu dentro do carro, matando o sargento e ferindo o capitão. O governo montou uma farsa ridícula para tentar provar que os culpados eram os subversivos da esquerda. Affonso Romano tratou do assunto em um poema que teve ampla divulgação e que transmitia, melhor do que qualquer narração, o horror do fato. O poema se chama “A implosão da mentira”. Dele reproduzo duas estrofes, a primeira e a última.

Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.
[...]
E de tanto mentir tão brava/mente
constroem um país
de mentira
--diária/mente.

Em se tratando do Brasil, o poema escapa do tempo e do objeto de que trata e se converte em capítulo de *Que país é este?*, que pode ser lido hoje.